

## JORNAL DO BRASIL

**VILLAS-BÔAS CORRÊA**

# Resgate da reeleição

Proposta de pacto nacional sem agenda é conversa jogada fora. E que oferece ao adversário a oportunidade da recusa justificada.

Conselhos não mudam o mundo. Em todo caso, não custa recomendar ao presidente Fernando Henrique Cardoso que procure controlar as horas de insônia, de nervos tensos e o peito oprimido pela angústia das crises em cascata com os cochilos induzidos para o sonho da recuperação dos três anos, dois meses e 22 dias dos oito anos do mais longo reinado em período democrático.

O momento é este. Tudo instiga a romper o cerco da rotina medíocre, na afobação de colar remendos nos furos no pano de fundo do governo e voltar a pensar grande, reconciliado com a ambição de reformar o país. Não há muito a perder. E, talvez, um governo a ser salvo no reconhecimento do presente e na projeção do futuro. Poupemo-nos de remexer na chagas dos erros e hesitações que cavaram o mundéu que suga para o despinhadeiro do fracasso e da instabilidade.

Basta alinhar as agoniadas da hora. O Supremo Tribunal Federal (STF) ao declarar a inconstitucionalidade da cobrança da contribuição previdenciária aos inativos, despertou o presidente para o tamanho do desafio que ameaça tragá-lo. Diante da perspectiva de déficit de espantosos R\$ 45 bilhões, este ano, nas contas da Previdência, o presidente abriu os olhos para a realidade e mudou o tom do discurso, desmanchou a pose e propôs, além da lorota da união, o objetivo encontro de governadores para buscar a saída emergencial para aflições comuns.

O descalabro da Previdência é o mais gritante exemplo da injustiça social e de indecorosa distribuição de renda. O governo está chegando ao fundo do poço. O tempo se esvai na inutilidade de jogadas de efeito que não enganam ninguém. É só conferir a gelada descrença com que foi ignorado o Plano Plurianual.

Nenhum teste é mais expressivo do que a antecipação do debate sobre a sucessão de 2.002. As especulações ocupam os partidos, transbordam para o noticiário político, candidaturas se

apresentam em ensaios de campanha. Nelas, não há lugar confortável para o presidente, aliado que se descarta de pronto, um apoio indesejável.

Por que insistir no que está dando errado? A virada possível reclama audácia e coragem em doses temerárias. O tudo ou nada do resgate da reeleição, com a mudança de métodos, o retorno às prioridades esquecidas. E a incorporação de novas bandeiras.

Para ficar em alguns exemplos: o governo e o Congresso brincam de gato e rato no infundível tricotar das reformas que avançam um passo para recuar dois. E não sairemos do lugar se o presidente não definir responsabilidades e chamar às falas a sua majoritária base parlamentar para a aprovação da urgente e ampla reforma do Judiciário, cortando fundo as pelancas dos privilégios. E, para começar, fixando o teto para os vencimentos dos três poderes e acabando com o ridículo jogo de empurra que não esconde o medo de assumir a responsabilidade de decidir.

A reforma administrativa, crivada de remendos, não ata nem desata porque o governo não afirma sua autoridade. Não passa de um truque pulha desviar a conversa para a farsa da demissão voluntária de servidores sem reajuste salarial há cinco anos, antes de enxugar o ministério que pode ser podado de galhos inúteis e reduzido à metade.

O naipe de reformas empacadas dá para ocupar o governo. O lance de atrevida petulância reclama o recheio da criatividade. É só afinar a sintonia com os temas que não emocionam Brasília, mas que riscam o nosso futuro. Como a devastação ambiental, tratada como uma impertinência de fanáticos enquanto as reservas florestais são exploradas pela ganância criminosa.

Na edição de ontem, com destaque na primeira página, *O Globo* denuncia, com foto, a inacreditável façanha cometida pela Companhia de Comando da 11ª Região Militar durante rotineiro treinamento, em um campo de Formosa, Goiás, entre 31 de maio e 4 de junho. Comandada por três oficiais, a tropa de 101 soldados distraiu-se, nos seus lazeres, caçando animais de espécies em extinção, protegidos por lei. Dizimaram centenas de veados, tucanos, patos e posaram para fotos diante dos bichos esquartejados e pendurados num varal. Trata-se de crime inafiançável. E de didático e chocante exemplo de irresponsabilidade criminosa, a exigir apuração sumária e punição exemplar.

O pobre do Ibama, com sua magnífica equipe técnica e poucos servidores nas pontas, está a reclamar urgentíssima reestruturação para aparelhá-lo a enfrentar a fúria das motosserras na dimensão amazônica e a investida dos contrabandistas de animais e de plantas.

Revirar o governo pelo avesso reclama a insolência de romper com a rotina e recomeçar pelo caminho mais difícil.

Queim não sonha, acorda menor.

e.mail - villasbc@unysis.com.br